CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Maya Deren: No Cinema posso fazer o Mundo Dançar
7 e 8 de Janeiro de 2026

CAT'S CRADLE / 1959
THE WONDER RING / 1955

filmes de Stan Brakhage

Realização, Imagem e Montagem: Stan Brakhage / Cópias: 16 mm, cor, mudas / Estados Unidos, 1959, 1955 / Duração: 6 e 6 minutos / Primeira exibição na Cinemateca: 16 de Março de 2018 "Stan Brakhage: A Arte da Visão – Primeiras Metáforas da Visão".

FUSES / 1964-1967

um filme de Carolee Schneemann

Realização: Carolee Schneemann / Estados Unidos, 1964-1967 / Cópia: 16 mm, cor, muda / Duração: 21 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

DANCE IN THE SUN / 1952

um filme de Shirley Clarke

Realização: Shirley Clarke / Estados Unidos, 1952 / Cópia: DCP, cor / Duração: 7 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

I WAS / I AM / 1973

um filme de Barbara Hammer

Realização: Barbara Hammer / Estados Unidos, 1973 / Cópia: 16 mm, cor, legendada electronicamente em português / Duração: 6 minutos / Primeira exibição na Cinemateca:

LOS PASCOLEROS – TARAHUMARAS 85 / 1996

um filme de Raymonde Carasco, Régis Hébraud

Realização: Raymonde Carasco, Régis Hébraud / Imagem e Montagem: Régis Hébraud / Voz: Raymonde Carasco / França, México, 1996 / Cópia: DCP (suporte original em 16mm), cor e preto e branco, legendada electronicamente em português / Duração: 29 minutos / Primeira exibição na Cinemateca: 9 de Novembro de 2011, Ciclo "Resíduos".

duração total da projecção: 91 minutos

The Wonder Ring e **Cat's Cradle** são dois trabalhos do início da carreira de Brakhage, em que os seus habituais métodos de filmagem e o apurado trabalho de montagem são combinados com uma exploração de momentos decisivos da sua biografia íntima. Razão pela qual a primeira fase da sua obra é associada a um género mais "psicodramático" ou dos "trance films", uma fase iniciada em 1952 com **Interim**, que se prolongaria até 1958/1959. Com uma sensibilidade próxima do surrealismo, estes primeiros filmes de Brakhage partilhavam fortes afinidades com outros nomes do cinema experimental, como Maya Deren, George Markopoulos, ou Kenneth Anger, que o antecederam. Entre esses filmes rodados entre amigos quando tinha cerca de vinte anos estava **The Way to Shadow Garden** (1954), filmado um ano antes de **Cat's Cradle**, que mostrámos juntamente com os seus dois filmes desta sessão num programa da Retrospectiva "Stan Brakhae: A Arte da Visão" intitulado "Primeiras Metáforas da Visão", levava ao extremo as possibilidades de

um género, uma vez que a figura de um sonâmbulo de olhos mutilados era o pretexto para um conjunto de procedimentos técnicos que dominarão o cinema posterior de Brakhage: imagens negativas, pintura e corte sobre a película, que ganhariam primazia numa obra predominantemente muda, vocacionada para a primazia da experiência da visão. **The Wonder Ring** resulta de uma encomenda de Joseph Cornell (de quem mostramos filmes noutra destas sessões) e anuncia um lirismo que dominará trabalhos posteriores. Trata-se de uma pequena preciosidade (as cópias dos dois filmes de Brakhage são magníficas) centrada numa estação de comboios nova iorquina, em que o jovem cineasta acompanha o movimento das pessoas e filma a arquitectura do espaço com uma sensibilidade invulgar. Um objecto estranho no contexto da filmografia de Brakhage, que revela um ritmo e uma cadência até então raros no seu cinema, que muito deverá a Cornell. Brakhage descreve **Cat's Cradle** como "sexual witchcraft involving two couples and a 'medium' cat". Também a cores, é um filme cm um forte cunho autobiográfico, que se aproxima dos "home movies" ou de "diários filmados", mas que revela uma profunda originalidade no plano formal. Numa entrevista de 1963 a P. Adams Sitney, Brakhage abordaria uma mudança na sua obra quando declara: "devo dizer que cresci imenso como artista, uma vez que consegui livrar-me do drama como fonte de inspiração. Comecei a sentir que toda a história, toda a vida, todo o material a partir do qual eu trabalharia, deveria vir de dentro de mim, ao invés de ser-me imposto de fora." São filmes em que surgem e ressurgem motivos essenciais na obra do cineasta, como as questões do nascimento, da morte, percepções alteradas, ou mesmo a sexualidade. Trata-se de um filme com uma montagem extremamente sincopada e rápida, claramente influenciado pelas teorias de Eisenstein, mas também pelos escritos de Gertrude Stein, que o cineasta não cessava de citar no que respeita aos usos da figura da repetição. Nas imagens aparece o gato e dois casais, Carolee Schneemann e James Tenney (compositor que colaborou com Brakhage em alguns filmes) que se fundem com Jane e Stan Brakhage. A montagem alternada traduz uma falhada experiência de vivência em comum, impulsionada por Brakhage, dada a sua admiração pelo casal amigo.

Fuses, o filme seguinte da sessão revela-nos a intimidade de Carolee Schneemann e James Tenney, agora filmada por Schneemann, numa coreografia de corpos atravessada pelo erotismo. Aqui tudo é mais explicito do que no filme anterior, apresentando-se FUSES como uma resposta a Brakhage, nomeadamente aos seus três filmes com o casal. **Dance In The Sun** é o primeiro filme de Shirley Clarke e desloca o seu trabalho da dança para o cinema, registando Daniel Nagrin num trabalho coreográfico ao ar livre em Jones Beach, Long Island. Trata-se de um filme em que a influência de Maya Deren é marcante, acontecendo o mesmo no filme seguinte da sessão. **I Was/I Am**, de Barbara Hammer, é uma homenagem a **Meshes Of The Afternoon**, filme a que Hammer deve muito. Hammer cita as imagens e as palavras de Deren, à qual dedicará mais tarde um filme, mas também um texto. **Los Pascoleros,** o filme de Raymonde Carasco e de Régis Hébraud, faz parte de uma obra mais vasta, composta por um conjunto de registos dos hábitos e costumes dos Tarahumaras, que o casal realizou ao longo de vários anos (Régis Hebraud continuou a trabalhar sobre essas imagens já depois da morte de Carasco). Filmado no México, **Los Pascoleros** acompanha a preparação das cerimónias da Páscoa na aldeia de Norogachic, no México, alternando sequências nocturnas, filmadas a preto e branco, com sequências diurnas, que restituem às festividades dos Tarahumaras as suas cores resplandecentes. É nessas cores, que tingem as danças e a preparação para as mesmas, e nos ritmos dos rituais ancestrais, que se repetem mais uma vez e que convocam toda a energia do mundo, que se encontra a tal "força primordial", que parece resistir a tudo e que nos coloca face à origem das coisas. As palavras de Antonin Artaud, ditas pela voz de Carasco, apenas acentuam toda essa energia: "Não fui ao México para fazer uma viagem de iniciação. Fui procurar um povo que me seguisse nas minhas ideias (. ..) sou poeta para sentir!". É esta a filosofia de um cinema muito físico, que nos convida a participar nesses ritmos hipnóticos que aproximam o teatro da crueldade de uma escola do ver e do sentir. Relacionando-se diretamente com as experiências de **Divine Horsemen: The Living Gods Of Haiti**, que Carasco admirava sem reservas, é Carasco que dirá o texto da versão francesa do filme de Maya Deren sobre o Haiti.

Joana Ascensão